

UMA INTERPRETAÇÃO DOS REFLEXOS DA SECULARIZAÇÃO NO CAMPO PENTECOSTAL: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA

Vanda Maria Leite Pantoja

Doutora e Mestra em Antropologia e Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Imperatriz.
vanpantoja@gmail.com

Leandro Araújo da Silva

Graduado em Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Imperatriz. Professor da Secretaria Municipal de Educação de Montes Altos – MA.
learaujo.araujo36@gmail.com

RESUMO

Neste artigo fazemos uma análise do processo de adequação das denominações Congregação Cristã no Brasil (CCB) e Assembleia de Deus (AD) às contingências da modernidade. Ambas as denominações, são do ramo pentecostal e chegaram ao Brasil no mesmo período, 1910 (CCB) e 1911(AD), apesar disso apresentam formas diferentes de lidar com temas semelhantes no interior do universo pentecostal, como divulgação do evangelho, conversão, entre outros. O campo investigado é a cidade de Imperatriz, no Maranhão e a metodologia utilizada, foi incursão a campo para observação dos ritos, análise dos discursos dos atores, análise bibliográfica e dados coletados em entrevistas. Como resultado, apresentamos que as formas de adequação dessas igrejas frente à sociedade vigente não são homogêneas. Na Assembleia de Deus, as marcas de afirmação frente aos valores da modernidade são mais explícitas, modificando algumas de suas estruturas tradicionais. Em relação à Congregação Cristã no Brasil, há maior resistência quanto às modificações das estruturas tradicionais influenciadas pelas inovações características da modernidade. Há uma postura mais conservadora dessa denominação, que zela pela preservação dos hábitos e costumes mais tradicionais.

Palavras-chave: Secularização; Campo Pentecostal; Imperatriz.

AN INTERPRETATION OF THE CONSEQUENCES OF THE PENTECOSTAL SECULARISATION FIELD: Christian Congregation of Brazil and Assembly of God in Imperatriz – MA

ABSTRACT

In this article we analyze the process of adequacy of the Christian Congregation denominations in Brazil (CCB) and Assembly of God (AD) to the contingencies of modernity. Both denominations are the Pentecostal branch and arrived in Brazil in the same period in 1910 (CCB) and 1911 (AD), yet have different ways of dealing with similar issues within the Pentecostal universe as spreading the gospel, conversion, among others. The field investigation is the city of Imperatriz in Maranhão and the methodology used was foray into the field to observe the rites, analyze the speeches of

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA**
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

the actors, literature review and data collected in interviews. As a result we show that the forms of adequacy of these churches facing the current society are not homogeneous. In the Assembly of God, the statement marks compared to the values of modernity are more explicit, modifying some of their traditional structures. Regarding the Christian Congregation in Brazil, there is more resistance on the changes from traditional innovations influenced by the characteristics of modernity. There is a more conservative position in this denomination, which ensures the preservation of its habits and more traditional customs.

Keywords: Secularization; Pentecostal Field; Imperatriz.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, fazemos uma análise das denominações pentecostais Congregação Cristã no Brasil (CCB) e Assembleia de Deus (AD), com o objetivo de compreender a organização e o modo de adequação, ou resistência às influências da modernidade, no que refere às formas de atuação no mercado de bens religiosos. Buscamos compreender a relação dessas igrejas com as contingências da modernidade, a partir do discurso dos agentes, dos usos, costumes e práticas religioso-litúrgicas. A investigação pauta-se também, em análise bibliográfica, em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e em dados coletados nas entrevistas realizadas das referidas igrejas.

De acordo com Costa (2011, p. 45), embora classificadas como pentecostais, ambas as instituições em análise divergem em muitos aspectos: “Enquanto a AD vai rompendo o sectarismo e se adequando à sociedade vigente, a CCB se encastelou em normas e padrões extremamente rígidos, ainda mantidos nos dias de hoje”. Nesse sentido, buscamos refletir sobre esse possível “encastelamento” da CCB em padrões mais conservadores em relação à AD.

As denominações religiosas Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, aparecem como as maiores representantes do pentecostalismo no Brasil, segundo dados do IBGE. Ambas chegaram ao Brasil no mesmo período, início do século XX, 1911 e 1910, respectivamente.

Por serem importantes instituições religiosas no que refere ao número de membresia e à representação do próprio campo pentecostal no Brasil, são muitas as referências encontradas sobre a denominação Assembleia de Deus, enquanto estudos sobre a Congregação Cristã no Brasil são mais escassos. Talvez a razão seja uma dificuldade muito grande em conseguir fazer entrevistas com seus membros, uma vez que tal dificuldade já foi pontuada por alguns especialistas dos estudos sobre protestantismo no Brasil, a exemplo de Paul Freston (1993).

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva**

Acompanhando o cenário nacional, apesar de poucas, encontram-se pesquisas sobre a Assembleia de Deus na cidade, já sobre a CCB não levantamos nenhuma fonte específica, apenas citações da mesma em textos sobre a AD. Além da quase inexistência de fontes escritas sobre a CCB, tivemos também bastante dificuldade em conseguir entrevistas pelos membros dessa igreja. Tendo em vista a dificuldade de acesso a informações sobre essa denominação na cidade de Imperatriz, nosso estudo direcionou-se mais para a compreensão de sua atuação, frente aos “novos tempos”. Para tanto, realizamos entrevistas com um membro equipe de serviço da denominação religiosa, que desenvolve, dentre outras, a função de porteiro, além de observação de seus ritos. Devido à existência de trabalhos sobre a AD, a nossa pesquisa nessa igreja volta-se mais para uma (re) interpretação dos dados já existentes, (re) pensando os mesmos, buscando extrair as marcas do processo secularizante e modernizante.

Sobre a AD na cidade de Imperatriz dispomos de trabalhos acadêmicos como: Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), dissertações de mestrado (COSTA, 2011; SOUSA, 2011), artigos científicos, materiais disponíveis na internet, sítio virtual da instituição, além de outras fontes, como entrevistas. Sobre a CCB, podemos encontrar uma pequena discussão em Costa (2011, p. 43 - 47), além de materiais disponíveis no sítio virtual da instituição, que também não especificam detalhes sobre sua atuação em Imperatriz.

Sobre as fontes que tratam da Assembleia de Deus em Imperatriz, por nós utilizadas, cabe ressaltar que são estudos realizados a partir de metodologias diferenciadas. Sousa (2011) fez um trabalho que preza pela análise documental e do ponto de vista das lideranças; Costa (2011) fez um minucioso trabalho em que além de entrevistar lideranças, utilizou-se da aplicação de questionários a membros da AD. Ambos buscaram refletir sobre seus objetivos, chegando, os dois trabalhos, a apresentarem resultados um tanto distanciados. Enquanto este último concluiu que há uma mudança de postura nos membros da AD, mudança de *ethos*, ou ainda, que a denominação passa por um processo de neopentecostalização, inclusive com a adoção da Teologia da Prosperidade, o primeiro autor mostrou o lado sectário, patriarcalista, conservador, centralista e verticalista da AD, apontando, vale lembrar, algum começo de relativização, algumas mudanças, porém nada comparáveis às mudanças constatadas por Costa (2011), que, em sua análise, mostrou a agressiva influência neopentecostal na AD.

Sousa (2011) fez uma investigação do discurso das lideranças, que, muitas vezes, são os responsáveis pela inculcação de valores nos membros da denominação à qual

Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

pertencem, o que nos leva a inferir que a conclusão pela postura conservadora da AD, é o resultado de um olhar para o discurso oficial da liderança. Já Costa (2011) voltou-se para a compreensão de seu objeto a partir dos membros da igreja, buscando respostas para o seu problema, não no discurso oficial, mas no discurso popular, preferiu ouvir e olhar para o dizer do “povo assembleiano”. Voltou-se também para as práticas de líderes mais jovens e conseguiu, com objetividade, detectar substancialmente os sinais da inovação no interior da denominação, constatando, não uma postura sectária, mas um *ethos* de “afirmação de mundo”, de adequação a elementos novos, outrora abomináveis, mas que foram incorporados e ressignificados pela instituição.

De acordo com Costa (2011, p. 32), o “*ethos* indica os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de outros. Assim, entendido, o *ethos* seria um valor de identidade social”. O *ethos* também pode ser considerado como “o conjunto dos valores éticos e morais que norteiam a conduta de uma sociedade, grupo ou indivíduo” (COSTA, 2011, p. 32). Nesse sentido, podemos dizer que o *ethos* é o lugar em que os indivíduos (re) criam constantemente sua visão de mundo e onde encontram subsídios para suas ações. Ele atua sobre os indivíduos de forma a influenciar sua conduta.

Costa (2011), aponta a existência de um “*ethos* pentecostal assembleiano, isto é, uma forma própria assembleiana de ver, compreender e reagir no mundo” (COSTA, 2011, p. 31-32). Segundo o autor, a experiência religiosa assembleiana passa por transformações marcadas por uma mudança de *ethos* do pentecostalismo clássico brasileiro. Nesse sentido, que procuramos pontuar as formas de inserção das denominações AD e CCB nos contornos da sociedade vigente.

AD e CCB: algumas considerações sobre fundação, atuação e expansão

A fundação da Assembleia de Deus (AD) no Brasil ocorreu em 1911, em Belém do Pará, pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren (PINTO; ALVES, 2003, p. 41). Após se desvincularem, por ocasião de terem sido expulsos da Igreja Batista - por tentarem incluir o pentecostes na liturgia -, os missionários fundaram a Igreja Assembleia de Deus que inicialmente teve o nome de “Missão de Fé Apostólica” (SOUSA, 2009, p. 2).

A AD chegou ao Maranhão na década de 1920, permanecendo sem crescimento notável até a década de 1940, quando se percebeu sua mais acelerada difusão pelas cidades e regiões do Estado. Em 1952 chegou à Imperatriz, num momento de grandes fluxos de pessoas que migravam da seca no sertão nordestino em busca de novas perspectivas de

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA**
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

sobrevivência. Aqui, a denominação foi fundada pelo pastor Plínio Pereira de Carvalho, que “migrou do Estado do Piauí, junto com a família e amigos” (COSTA, 2011, p. 76).

A Assembleia de Deus logo no início assumiu a liderança da evangelização da cidade e das comunidades, vilarejos e povoados ao redor. Seu avanço coincidiu com o crescimento da própria cidade, a partir da construção das estradas federais e do aumento das migrações, quando então dedicou-se a um intenso trabalho de conversão dessas populações que, no decorrer de mais de meio século aqui analisado, fez com que se tornasse a maior igreja protestante na região, quando já o era na América Latina (COSTA, 2009, p. 19).

Quando foi fundada em Imperatriz, a AD possuía apenas 16 membros (COSTA, 2011, p. 76), em 1955 já contava com 202 (SOUSA, 2009, p. 8). Conforme os escritos de Sousa (2009), de 1952 a 1992 abriram-se 44 congregações, sendo que esse número aumentou para 92 em 2002. De 1992 a 2002, a igreja cresceu num ritmo acelerado em Imperatriz, passando de 15 mil para 35 mil fiéis e 98 congregações (PINTO; ALVES, 2003, p. 41). Em 2010, os membros de Imperatriz chegaram à marca de 39.896, segundo dados do censo demográfico, correspondente a 16,12% da população total do município, que em 2010 era de 247.505 habitantes (IBGE, 2010).

Na área de comunicação, conta com um canal de televisão (Televisão Cidade Esperança), uma rádio (Rádio Cidade Esperança), um portal eletrônico e um jornal impresso. Elementos estes que, antes considerados perversos para os membros, foram sendo incorporados às estratégias de crescimento e em investidas de evangelização. A igreja faz uso desses meios para o serviço de difusão do evangelho de Jesus Cristo. Possui também um Instituto de Educação (IBADI), com cursos de teologia para formação de pastores.

A primeira igreja pentecostal a ser fundada no Brasil foi a Congregação Cristã no Brasil (CCB), em 1910 (SOUSA, 2009, p. 2). O fundador foi o missionário italiano Luigi Francescon. O primeiro local de trabalho da denominação foi Santo Antônio da Platina, no Paraná, partindo em seguida para São Paulo, onde prosperou abundantemente, chegando a conhecer expressivo crescimento e atuação em suas primeiras décadas. Caracteriza-se por ser uma igreja do ramo pentecostal adepta da doutrina da predestinação. O missionário “Francescon trabalhou mais de 50 anos na expansão da igreja que por quase três décadas foi o maior movimento pentecostal do Brasil” (COSTA, 2011, p. 46). A CCB foi superada em número de membros pela AD no início da “década de 1940 por adotar uma postura sectária, a partir daí seu crescimento foi relegado a cidades do interior em que a presença do caráter patriarcal era mais frequente” (COSTA, 2011, p. 46 - 47), justamente por manter

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva**

os mesmos traços existentes à época de sua fundação, “mantendo-se nos mesmos padrões e resistindo às mudanças impostas pela modernização” (COSTA, 2011, p. 46-47).

Assim como os fundadores da Assembleia de Deus no Brasil (os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren), Luigi Francescon foi vinculado a missões pentecostais americanas. Segundo documentos encontrados no sítio virtual da CCB, no ano de 1909, Luigi Francescon partiu de Chicago, juntamente com os missionários G. Lombardi e Lucia Menna, para Buenos Aires, desenvolvendo trabalhos religiosos em San Caetano, província de Buenos Aires. Os missionários objetivavam, com essa viagem, fundar igrejas na América do Sul. Houve uma segunda viagem dos dois de Chicago a Buenos Aires em 1910, de onde, em março do mesmo ano, partiram para São Paulo, Brasil (CCB, 2012).

Em São Paulo encontraram um italiano, Vincenzo Pievani, que morava em Santo Antônio da Platina no Paraná. Francescon partiu para Santo Antônio da Platina em abril de 1910, após a volta do missionário G. Lombardi para a capital Argentina. Em Santo Antônio da Platina encontrou os italianos Vincenzo Pievani e Felício A. Mascaro, cujas esposas eram católicas, assim como o restante dos moradores da cidade. No entanto foram realizados os primeiros batismos – onze pessoas, no total. Em junho do mesmo ano, o missionário Francescon voltou para São Paulo, onde imediatamente mais vinte pessoas “aceitaram a fé”. Os novos adeptos eram “presbiterianos, batistas, metodistas” e também “católicos romanos” (CCB, 2012).

Em setembro de 1910, o missionário Francescon partiu para o canal do Panamá, deixando uma igreja iniciada em São Paulo. Em 1940¹, o número de “casas de oração” da igreja no Brasil estimava-se em cerca de 300. Em cinco anos, de 1935 a 1940, 17.761 pessoas ingressaram na denominação. Em 1951, o número registrado de casas de oração no Brasil foi de 815. Entre os anos de 1942 e 1951 aderiram à igreja um total de 74.775 pessoas. Havia 46 congregações somente na capital do Estado de São Paulo e em seu entorno² (CCB, 2012). Seus trabalhos iniciaram-se “nas colônias italianas aqui no Brasil e sua expansão deu-se em acompanhamento a essas colônias pelas regiões sul e sudeste” (COSTA, 2011, p. 46), o que talvez ajude a compreender seu maior crescimento nessas regiões. Vejamos o seguinte relato acerca da expansão da CCB pelo país:

¹ Dados apresentados segundo o relatório do ano de 1940 da CCB. Vale ressaltar que se trata de dados divulgados pela própria CCB, contidos em um testemunho escrito pelo próprio fundador Luigi Francescon. Segundo ele, são elaborados relatórios anuais com dados da igreja (CCB, 2012).

² Dados do relatório da CCB de 1951, citados por Francescon (CCB, 2012).

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA**
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

A CCB teve um forte crescimento nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, concentrando seus esforços nessas áreas, embora contassem com igrejas no Rio de Janeiro, Goiás e Mato Grosso. Sobre as razões que impediram ou dificultaram o avanço da CCB para a região Norte, Leonard (1981) faz as seguintes considerações: Nas regiões do norte, naturalmente, ressentiram-se da falta de bases italianas e da presença do outro ramo pentecostal, o das Assembleias de Deus. De modo que é sobretudo a região paulista que constitui seu apanágio (LÉONARD, 1981, p. 347 apud COSTA, 2011 p. 46).

Como percebemos, a referida igreja tem maior presença em estados do Sul e Sudeste do país, enquanto a AD está mais densamente fixada em estados das regiões Norte e Nordeste. Um reflexo disso é que em Imperatriz em 2011 existiam 144 congregações dessa última, conforme informações do presidente da instituição e, segundo o membro entrevistado da CCB, apenas 27 templos (“casas de oração”) da mesma. Em 2010, conforme dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existiam em Imperatriz 1.565 membros da CCB. Em entrevista concedida, o membro da CCB nos relatou que, essa igreja chegou a Imperatriz por volta da década de 1960, pouco depois da chegada da AD na década de 1950. Enquanto a AD parece estar mais aberta a inovações, ou mudanças, a CCB se mantém em modelos mais tradicionais e conservadores. A AD atualmente promove eventos como *shows* gospel, por exemplo, está mais inserida em meios tecnológicos para difundir os preceitos e valores por ela cultivados.

Segundo Costa (2011, p. 129), as modificações presentes na AD fazem parte de um “processo de mudança de *ethos*”, pois a igreja está assumindo uma postura de “afirmação de mundo”, uma espécie de adaptação frente às contingências, ou exigências da sociedade (pós) moderna (COSTA, 2011, p. 129). Seria a secularização(?). Já a CCB mantém-se mais resistente, caracterizada por elementos do pentecostalismo clássico, resiste em adaptar-se aos meios tecnológicos e às formas de modernização de seus traços característicos, não faz uso de propagandas nos meios de comunicação como rádio e televisão; os líderes esquivam-se de fazer comercial na televisão, na rádio, etc., apesar de já possuir um sítio virtual onde divulga alguns dados e informações. Nos discursos realizados por ocasião de seus rituais percebemos o combate a comportamentos considerados seculares há muitos incorporados por outras denominações pentecostais, a exemplo do discurso da prosperidade bastante presente na AD de Imperatriz.

Mantendo-se extremamente sectária, a Congregação Cristã do Brasil conserva traços da época de sua fundação. São eles: ausência de clero remunerado; não possuem pastores, mas, anciãos; as mulheres usam véu; os cultos são marcados por ‘testemunhos’ e não há um planejamento anterior; os pregadores são escolhidos na hora; rejeitam toda forma de propaganda religiosa através da mídia; não pedem dízimos, existindo apenas uma oferta anual; (...) não celebram cerimônias de casamento e funeral; proibem que seus membros comprem

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva**

‘fiado’; não permitem a presença de pessoas portadoras de doenças contagiosas em seus cultos, e adotam uma postura apolítica (COSTA, 2011, p. 47).

Com essas análises não pretendemos dizer que a CCB está intacta a modificações e não passa por mudanças, apenas pensamos ser ela uma instituição mais resistente às novidades, porém, dentro de seu próprio tempo necessita realizar o processo de adequação e/ou adaptação à sociedade como medida necessária a sua reprodução enquanto instituição religiosa.

Um elemento importante atualmente no cenário amplamente diverso de denominações religiosas diz respeito à preocupação em “agradar” os fiéis. Mesmo resistindo a adequar-se completamente e fazer usos de elementos como propagandas e divulgação, típicos dos tempos atuais, como televisão, rádio, *outdoor*, por exemplo, preferimos pensar que, em alguns aspectos, existam relativizações na CCB. Por outro lado, como aponta Sousa (2011), a AD, apesar do amplo uso de elementos do *marketing* em seu interior, como forma de atrair novos adeptos, se autocaracteriza como uma instituição tradicional e muito conservadora no que se refere à afirmação patriarcal por exemplo. Podemos apontar que no interior de ambas as denominações existem formas próprias de lidar com as influências da sociedade atual.

SECULARIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO: uma perspectiva de Peter Berger

Para Berger (1985, p. 19), “a mutabilidade da cultura, sua instabilidade, como também as mudanças das construções de mundo feitas pelo homem nos ajudam a pensar as transformações e instabilidades no campo religioso”. A estabilidade social não se mantém permanentemente, mas é passageira, o que faz com que a sociedade, ou realidade social, seja instável (BERGER, 1985, p. 19)

Na perspectiva de Berger (1985, p. 39), a secularização equivale à dessacralização dos “acontecimentos ordinários da própria vida”, em que passa a não haver o caráter extraordinário. As tradições são questionadas, as explicações das instituições religiosas deixam de ser a principal forma de explicar a realidade. Nesse sentido, a secularização seria a profanação das práticas até então consideradas sagradas, levando-se em consideração o dualismo sagrado/profano (BERGER, 1985, p. 39). Sendo assim, Berger define o conceito de secularização da seguinte forma:

Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos (...).

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA**
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo. Mais ainda, subentende-se aqui que a secularização também tem um lado subjetivo. Assim como há uma secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização da consciência. Isso significa, simplificando, que o Ocidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas (BERGER, 1985, p. 119-120).

Numa sociedade em que esse processo de secularização se efetiva há, portanto, a perda de controle por parte das instituições religiosas sobre comportamentos, práticas, usos, costumes, como maneira de vestir, de pensar, etc. de seus membros e sobre outros setores da sociedade como a política, por exemplo. Portanto, há uma desintegração do profano e do sagrado, uma desintegração da realidade social, do equilíbrio entre essas duas esferas, isso abre possibilidades para uma rápida secularização da sociedade, isto é, de seus vários campos, na medida em que o “mundo secular” ganha autonomia em relação à esfera religiosa. Uma situação completamente nova se apresenta para o “homem moderno”, diante da situação de secularização. Nessa situação, a religião não explica tudo, não tem todas as respostas para os anseios dos indivíduos, perde a, até então, inabalada credibilidade, o que Berger denomina de “crise de plausibilidade da religião” (BERGER, 1985, p. 136).

As denominações religiosas se veem (ou são) profusamente adentradas pelas práticas seculares, ou seja, passam a ter em seu próprio seio a presença dessas práticas secularizadas e secularizantes, isto é, as condutas que antes eram vistas somente fora do contexto religioso agora se inserem nesse contexto, dando a ele uma “cara” do mundo considerado moderno, secular. Secular porque o que antes era considerado não religioso passa a ser praticado no campo religioso. A secularização entra no campo da religião, causando essa crise de credibilidade (BERGER, 1985, p. 137).

A “crise de credibilidade” na religião é uma das formas mais evidentes do efeito da secularização para o homem comum. Dito de outro modo, a secularização acarreta um amplo colapso da plausibilidade das definições religiosas tradicionais da realidade. Essa manifestação da secularização a nível de consciência (...) tem seu correlato a nível socioestrutural (...). Subjetivamente, o homem comum não costuma ser muito seguro acerca de assuntos religiosos. Objetivamente ele é assediado por uma vasta gama de tentativas de definição da realidade, religiosas ou não, que competem por obter sua adesão, ou, pelo menos sua atenção, embora nenhuma delas possa obrigá-lo a tanto. Em outras palavras, o fenômeno do “pluralismo” é um correlato socioestrutural de secularização da consciência (...) (BERGER, 1985, p. 139).

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva**

Outro conceito importante nessa discussão é o de modernização, que, para o autor abordado acima, se caracteriza, de forma geral, pelo estabelecimento de uma “ordem sócio-econômica capitalista e industrial”. O que leva Berger a usar o termo “mercado religioso” para referir-se à situação em que várias denominações religiosas concorrem entre si pela conquista de fiéis. A modernização torna-se responsável por desenvolver a racionalização de todos os aspectos da vida humana; a racionalização é um elemento fundamental na sociedade industrial moderna, tendo função fundamental no processo de secularização, portanto, para Berger, a característica “decisiva” da secularização é a racionalização (BERGER, 1985, p. 144).

Weber (2004), em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* defende que, historicamente existe um processo de racionalização que inaugura a modernidade, ou seja, o processo de racionalização da sociedade gera um mundo mais racional. Nesse sentido, Weber define a modernização da sociedade em relação com o protestantismo, pelo racionalismo e pela secularização.

Um aspecto interessante e que deve ser levado em conta nessa análise é que, mesmo em forma secularizada, a religião continua sendo importante na vida das pessoas, mas de forma privatizada, de forma que o indivíduo consegue separar a vida privada religiosa da vida pública secular, moderna. A religião assume uma forma moderna, trata-se de “um complexo legitimante voluntariamente adotado por uma clientela não coagida” (BERGER, 1985, p.145). Trata-se de uma situação em que o indivíduo não é obrigado a professar nenhum credo, como seria numa situação de monopólio religioso, ele pode escolher determinada religião de acordo com sua preferência e conveniência, essa escolha do indivíduo pela religião (ou pela denominação religiosa) aconteceria de forma racional, segundo Lemuel Dourado Guerra (2002).

A religião, nesse contexto, não tem controle sobre a vida do indivíduo, este pode pertencer a determinada religião no ambiente familiar e ser completamente desligado de valores religiosos em outros ambientes, como nos negócios, no trabalho, ou em outras funções sociais que não dizem respeito à vida familiar (BERGER, 1985, p. 145). Sendo o “pluralismo religioso” uma característica da secularização, pode-se dizer, concordando com Berger, que a secularização causa o fim dos monopólios das tradições religiosas, pois nessa situação têm-se diferentes grupos religiosos que se inserem num contexto de disputa pela conquista de novos adeptos ou simpatizantes, essa disputa pode ocorrer entre eles mesmos, ou entre eles e outras instituições da sociedade, não religiosas (BERGER, 1985, p.149).

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva**

Essa situação de pluralismo, segundo Berger, resulta numa situação em que as instituições têm que se colocar no “mercado” para “vender” os seus “produtos”, pois como num “mercado secular”, há uma “clientela” que tem gostos diferentes e por isso só “compra” aquilo que lhe agrada, tem-se, portanto, uma situação de “mercado religioso”. Dessa forma, “imediatamente, a questão dos ‘resultados’ torna-se importante” (BERGER, 1985, p. 149-150). Outro aspecto dessa situação de pluralismo, de concorrência entre as “empresas religiosas” é a conseqüente “burocratização” das instituições religiosas (BERGER, 1985, p. 151), elas passam a funcionar internamente e em relação a outras instituições da sociedade, de acordo com a “lógica’ da burocracia”. Criam-se departamentos, encargos, hierarquia de funcionários qualificados, etc. (GUERRA, 2002, p. 45-50).

No caso das instituições religiosas aqui analisadas, percebe-se que os membros da CCB não utilizam outros livros além da bíblia, demonstram certa aversão a escritos, registros, etc. preferem utilizar somente a bíblia, pois para eles esta contém a “Sã Doutrina”, e o hinário. Para os membros dessa denominação, “a tradição oral é o maior veículo de divulgação de seu código moral, visto que a igreja não possui jornais, propaganda e nem literatura religiosa” (COSTA, 2011, p. 47). Este traço da CCB pode ser revelador de sua resistência em adotar práticas seculares como o uso de material de divulgação e informação sobre ela mesma para a sociedade. Esse traço a coloca também em situação de desvantagem quando se trata de disputa por adeptos no mercado de bens simbólicos.

A AD se insere como a maior expressão do pentecostalismo na cidade de Imperatriz. Além disso, num sentido geral, em concordância com Costa (2011), ela está mais aberta a inovações que a CCB, que aparenta manter traços de uma igreja pentecostal tradicional, que preza por conservar valores e práticas arcaicas. Além disso, permanece sem grande destaque na sociedade imperatrizense, e pouco presente em relação ao número de templos e sem manifestar inovações em suas práticas de evangelização. Aparenta ser uma igreja mais resistente às influências exteriores, isto é, influências consideradas nocivas por seus adeptos e classificadas como “mundanas”, mas que, na concepção de Berger (1985), aparecem teoricamente, como influências seculares, modernas.

A CCB, avessa ao televangelismo – presente na Assembleia de Deus – ainda não adotou em Imperatriz a transmissão de culto e mensagens religiosas através de rádio e televisão, mesmo com o crescente avanço das tecnologias que facilitam as comunicações

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA**
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

em massa e abrangem grande número de pessoas ao mesmo tempo (SOUSA, 2011, p. 139). Sobre a aparente estagnação da CCB no tempo, Costa (2011) faz a seguinte análise:

Apesar da longevidade, diferente do que acontece com a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã no Brasil resistiu às mudanças e não acompanhou as transformações estruturais processadas na sociedade brasileira. Talvez a crença na doutrina da predestinação tenha aliviado a pressão social sobre seus membros que, eleitos por Deus, não precisam assimilar os valores da sociedade burguesa para demonstrar graça e êxito de sua relação com Deus (COSTA, 2011, p. 46).

Apesar das ideias apresentadas acima, um ponto que merece destaque é que nenhuma instituição se mantém imune às influências da sociedade moderna, sociedade que sofreu profundas alterações em sua organização, do ponto de vista da relativização de valores, de preceitos e de maior abertura para a “diversidade cultural” e “religiosa”, diversidade de pensamentos, de expressão, de interpretação do mundo, etc. Dessa forma, e a partir da observação até então realizada, entendemos que a CCB não se mantém desvinculada, de forma alguma, do mundo moderno, apenas apresenta maior resistência em relação às transformações que ocorrem na sociedade. Por outro lado, concebemos que a AD também mantém traços tradicionais e conservadores, formas de controle social sobre seus membros, etc. como pode ser percebido na seguinte fala do pastor assembleiano e presidente da AD em Imperatriz:

(...) A Assembleia de Deus de Imperatriz (...) preserva os bons costumes sociais. Não quer dizer, necessariamente, que é isso que determina a salvação de alguém, mas determina a identidade da igreja. A igreja preserva os bons costumes, que é a valorização do ser humano, a valorização da família, valorização da pessoa na sua atividade trabalhista, porque isso é importante. (...) Então nós temos essa prioridade de ensinar como o povo deve viver nesse mundo de forma digna que honre a Deus e identifique a nossa igreja. (...) Nós orientamos que um homem corte seu cabelo, porque isso é do lado social, importante para o homem ter o seu cabelo cortado (...) (Entrevista concedida pelo pastor presidente da AD de Imperatriz em 26 de outubro de 2011).

Com efeito, sua adequação ao mundo moderno é bem mais perceptível, principalmente tomando por referência o estudo de Costa (2011), o qual mostrou que essa denominação passa por mudanças quanto aos usos e costumes defendidos por seu pastor presidente, no que o autor convencionou chamar de “neopentecostalização do *ethos*”, passando-se assim, de uma postura mais tradicional e conservadora para uma postura mais flexível e tolerante quanto a aspectos e práticas características da modernidade.

Aos poucos, a Assembleia de Deus insere-se no universo das igrejas neopentecostais, na medida em que passa a rever os seus discursos e suas normas de

Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

conduta e comportamentos, inclusive, aderindo a aspectos presentes no ramo neopentecostal como a ênfase na prosperidade financeira, através da Teologia da Prosperidade, nas campanhas proselitistas que buscam agregar grande número de fiéis, realização de *shows* gospel, cruzadas evangélicas, utilização de meios de comunicação mais abrangentes, como televisão e internet, inserindo-se cada vez mais no espaço público e no poder político local, e mudando o seu *ethos*, passando de uma postura sectária para uma postura de “afirmação de mundo”.

No item a seguir, abordamos alguns aspectos da CCB, como formas de organização, administração e, especificamente, características do culto da denominação, buscando perceber o modo de inserção, adequação ou resistência da igreja frente às influências da modernidade, inclusive no que refere às formas de atuação no mercado de bens religiosos.

CCB: organização, administração e culto

A discussão que segue, baseia-se em dados disponíveis no portal da CCB, relacionados por temas em artigos organizados pela própria instituição religiosa. Fundamenta-se ainda em dados resultantes de entrevista com um membro da equipe de serviço³ da CCB, em Imperatriz, além de observação em cultos no templo central.

A CCB possui uma estrutura administrativa, ou “ministério da administração”, que é composta por presidente, secretários, tesoureiros, suplentes, além de contar com o trabalho técnico de outros membros que auxiliam a equipe administrativa. Os administradores são responsáveis por cuidar das “coisas materiais” da igreja, pois na CCB as “coisas materiais” são tratadas separadamente das “coisas espirituais”. Existe, pois, o trabalho administrativo (que cuida da parte material) e o “ministério espiritual” (que cuida da parte espiritual). Anciãos e cooperadores fazem parte do “ministério espiritual” (CCB, 2012).

A história da administração como elemento responsável pela parte material remonta ao ano de 1936, quando se realizou uma Assembleia Geral em São Paulo. Nessa Assembleia foi composta uma equipe de administração com presidente, tesoureiro, secretário, vice-secretário e também um conselho geral. Atualmente a CCB é dividida em regionais administrativas compostas por diversos municípios, porém, em cada município há

³ A entrevista foi concedida em 14 de dezembro de 2011, no templo central da CCB de Imperatriz, onde o entrevistado presta trabalhos, entre outras atividades, cuida da vigilância do templo. A experiência do mesmo como membro da CCB é de doze anos, o que talvez tenha sido decisivo para que o mesmo demonstrasse tamanho conhecimento dos aspectos que dizem respeito à vivência espiritual dos membros da igreja.

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva**

uma administração local. Os administradores das regionais, assim como outros profissionais de diversas áreas (como da área contábil e jurídica, por exemplo) são responsáveis por acompanhar os administradores dos municípios de determinada regional (CCB, 2012). Desse modo, podemos relacionar essa forma de organização administrativa da CCB com o processo de burocratização das instituições religiosas, na medida em que uma série de subdivisões administrativas acarreta um trabalho burocraticamente interdependente entre as mesmas, portanto, uma característica da secularização e modernização, embora em sua forma religiosa dotada de significado para os membros da instituição.

Aos administradores são reservadas atribuições específicas como anotação, controle e gestão de arrecadação, das contas bancárias e do patrimônio material da denominação. São ainda responsáveis por apresentar a prestação de contas aos demais membros: total arrecadado e aplicação dos recursos. Isto é feito anualmente na Assembleia Geral da CCB, realizada em todas as sedes administrativas regionais. Para facilitar o controle administrativo, o auxílio e a articulação entre as administrações das diversas regionais, os administradores utilizam um programa de computador para gestão e um sítio virtual. Além da administração existe ainda o conselho fiscal, referido anteriormente, este é responsável por fazer a fiscalização dos documentos da área administrativa, cuidando para que tudo se mantenha em ordem (CCB, 2012).

A respeito da organização por funções, existem os anciãos - responsáveis pela pregação da doutrina e pelo batismo de novos membros. O batismo na CCB é feito por imersão, o *descer nas águas*, em ocasiões especiais, em que acreditam haver confirmação divina (CCB, 2012). Os membros viajam com frequência de templo em templo cumprindo essas atribuições. Há também a função do cooperador, na qual o membro responsável cuida de liderar a igreja local, presidir o conselho e dirigir os cultos, quando da ausência do ancião ou quando for designado para tal. Os músicos são responsáveis por tocar os instrumentos que acompanham o canto dos hinos durante o culto (CCB, 2012). Também existem os diáconos, responsáveis por dar assistência nas “casas de oração”, ou templos, administram e aplicam ofertas e coletas, seja na “Obra da Piedade”⁴, seja nas viagens de missionários (CCB, 2012).

Uma característica específica da CCB, evidenciada em entrevista com o membro da denominação, é que o ministério é formado por pessoas voluntárias, que não recebem nenhuma espécie de remuneração salarial para desenvolver os trabalhos. Desde anciãos,

⁴ A *Obra da Piedade* é uma equipe de serviço composta por mulheres que dão assistência aos “enfermos, pobres e necessitados” da igreja (CCB, 2012).

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA**
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

cooperadores, diáconos, músicos, administradores, zeladores, porteiros, vigilantes, nenhum desses desenvolve trabalho remunerado. Também não há cobrança do dízimo dos membros. Os mesmos colaboram com doações e ofertas, que são espontâneas e às vezes anônimas.

Outra característica da CCB, e talvez uma especificidade, é a orquestra. Desde sua fundação em 1910 até maio de 1932 não havia orquestras nas congregações da CCB. Foi somente a partir desse momento que começaram a surgir as primeiras orquestras, após a identificação da necessidade de um acompanhamento musical para os cânticos durante o culto. Com isso, muitos membros começaram a estudar música e a integrar as orquestras, aumentando também seu número de membros (CCB, 2012).

Outro elemento que faz parte da liturgia na CCB é o hinário. Este sofreu alterações em sua organização ao longo do tempo. Até por volta da metade da década de 1980, os hinos eram classificados para determinadas ocasiões. Havia hinos próprios para batismos, santas ceias, funerais, além da classificação dos hinos próprios para abertura do culto, para momento de oração, para o momento da palavra e para encerramento do culto. Porém, essa forma de classificação foi abolida, sendo que não é mais encontrada nos hinários atuais (CCB, 2012).

Existem normas e regras que devem ser seguidas na CCB, a exemplo da separação entre homens e mulheres por ocasião dos cultos. As mulheres ocupam uma parte da igreja, enquanto os homens ocupam outra parte. Homens e mulheres devem usar trajes adequados nos cultos. Um desses trajes, para as mulheres, é o véu branco. Quanto aos homens, na observação realizada, a maioria em traje social, com poucas exceções. No momento dos cânticos todos os membros cantam juntos, sem auxílio de microfones, toda a irmandade “levanta” uma só voz para cantar. Os músicos se posicionam nos bancos, pois não há um lugar especial reservado para os mesmos, separado dos demais participantes.⁵

Duas manifestações discursivas são características do culto na CCB: os testemunhos e a pregação da palavra. Os testemunhos são experiências de vida em que acreditam que houve “obra de Deus”. De acordo com as pessoas que testemunharam alguma dessas “obras de Deus”, quando eles se reúnem para o culto estão congregando juntos, por isso, o termo congregação significa a “irmandade” reunida para celebrar o “culto a Deus”. Durante os testemunhos, as pessoas que haviam viajado para outras cidades traziam saudações de outras congregações para a “irmandade” desta congregação. Costumam, antes de iniciar o testemunho e ao terminar, saudar os demais membros

⁵ Trata-se de dados baseados em visitas aos cultos da igreja no templo central na cidade de Imperatriz, além de uma entrevista realizada com um membro, e de dados disponíveis no portal da CCB.

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva**

louvando a Deus com expressões: “louvado seja o nome do Senhor, louvado seja Deus”, ao que os demais respondem: “glória a Deus, ou amém”. Os testemunhos, em geral, são agradecimentos a Deus por alguma graça alcançada. A expressão: “agradeço a Deus” é frequente ao longo dos testemunhos, que também são formas de a pessoa “pagar votos feitos a Deus”.

No momento da pregação, ou proclamação da Palavra, é feita uma leitura de um trecho da bíblia. Não há programação prévia da leitura bíblica, nem de quem vai ler e explicar a palavra, nesse caso é espontâneo, para os mesmos, “conforme a ação do Espírito Santo”. O dirigente do culto abre espaço para que alguém habilitado possa ler a palavra, que ainda não foi definida. Se ninguém se dispuser a fazê-lo, o dirigente do culto “prega” a palavra. Percebemos nas visitas aos cultos da CCB que em vários momentos da pregação havia vozes da “irmandade” dando “glórias a Deus”. Em alguns momentos o dirigente mudava a entonação da voz, de acordo com a ênfase que objetivava dar a cada frase. A pregação pode ser feita pelo ancião, pelo diácono, pelo cooperador, ou por membros que tenham o “ministério da Palavra”. As mulheres não podem pregar a palavra, pois esta função é reservada apenas aos homens.

Durante o culto existem os longos momentos destinados para orações, inclusive com abertura para falarem em línguas, de acordo com o que chamam de “ação espontânea do Espírito Santo”. O conteúdo dos momentos do culto parece fluir espontaneamente, os hinos são escolhidos no momento de serem cantados, por alguém da assembleia que deseje escolher, uma atitude conhecida como “chamar hinos”. O culto é uma sequência de hinos, oração, testemunhos, leitura da palavra, pregação, mais oração, mais hinos. No final do culto, após a saudação dada pelo dirigente, há a saudação da paz, que é feita com o “ósculo santo”, um beijo no rosto, entre os homens – de homem para homem – e entre as mulheres – de mulher para mulher.

Em uma das incursões à CCB presenciamos um momento em que o dirigente alertava a “congregação” sobre algo que estava acontecendo que o mesmo não achava correto, e por isso mesmo achou necessário orientar a comunidade falando sobre essas “coisas erradas” que estavam ocorrendo. Percebemos a preocupação do mesmo em relação a algumas influências externas sobre os membros e sobre seus modos de comportamento. O alerta foi no sentido de que a “congregação” está voltada mais para suas preocupações materiais do que para a “obra de Deus”, isto é, pelas coisas da igreja. Falou sobre o uso de equipamentos eletrônicos durante o culto, como o celular, e inferiu que a “congregação” não tem se preocupado com as “coisas espirituais”. A “congregação” demonstrou

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva**

concordar com o alerta do dirigente, respondendo “glórias a Deus”, mostrando assim um reconhecimento e submissão ao discurso do dirigente, legitimando-o como correto. O dirigente conclamou a “congregação” a doar-se mais para as “coisas de Deus”, para “a obra”, a cuidar da “casa de oração”, a “casa de Deus”, “casa do pai”.

A CCB é adepta da doutrina da predestinação, o que faz com que na mesma não haja tamanha preocupação com a busca de novos prosélitos, com a inserção da igreja no espaço público, no espaço da propaganda televisiva, no rádio, em eventos para fins de conversão em massa, como eventos realizados pela AD em Imperatriz, por exemplo.

De acordo com Freston (1993, p.78), a predestinação a liberta da pressão de adaptar-se aos métodos de divulgação que as mudanças sociais e avanços tecnológicos indicam. O arminianismo, a doutrina prática de todas as outras igrejas brasileiras, impõe a obrigação da igreja modernizar-se como agência propagandística, em nome da preocupação com a eficácia. (Se as igrejas nem sempre se modernizam, isso se deve a vitória de interesses institucionais sobre o impulso proselitista). Mas a doutrina da CCB age como amortecedor, permitindo que ela se contente com os velhos métodos independentemente dos resultados. Isso dá a (sic) igreja uma estabilidade em muitas áreas. A predestinação responde pelos sucessos e fracassos; não precisa do autoexame estratégico que galvaniza a mudança numa instituição religiosa (FRESTON, 1993, p. 78 apud COSTA, 2011 p. 47).

Segundo Pinto e Alves (2003, p. 58), “o fator responsável pelo crescimento da religiosidade em Imperatriz é o investimento das denominações em conquistar novos membros, que vai de encontro à busca pela salvação por parte das pessoas e à busca pela solução de problemas familiares”. Tomando como base para reflexão a afirmação de que o investimento em conquistar novos adeptos é o principal fator de crescimento da religiosidade em Imperatriz, pode-se inferir que uma das causas do pouco crescimento da CCB em Imperatriz é a resistência em investir nessa busca por novos membros, deixando que eles venham por “vontade” ou “motivação divina”.

Há que se considerar ainda que não existem na CCB ações com finalidade de buscar fiéis, ou novos membros. Em entrevista concedida, A. F. A. afirmou que existem “convites espontâneos” que são dirigidos às pessoas. Em relação à espontaneidade, referindo sobre o batismo, o fato de o indivíduo só ser batizado perante “confirmação divina”, revela que apenas é batizado aquele que se dispuser a tal, aquele que for “convertido por Deus”. Cada um é livre para aceitar ou não o batismo e “descer nas águas”, isto é, ser “batizado nas águas”, passando assim a fazer parte da Congregação Cristã.

Ausentando-se do espaço público e da ofensiva na busca de novos adeptos, a CCB tenta manter o seu aspecto tradicional, resistindo em aderir ao uso de instrumentos

Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

inseridos no arsenal de possibilidades de conquista e investimentos de outras denominações religiosas, principalmente aquelas às quais se aplicam a terminologia de neopentecostais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo nesse artigo foi analisar o processo de inserção das denominações Congregação Cristã no Brasil (CCB) e Assembleia de Deus (AD) às contingências da secularização e modernização. Essas denominações, apesar de fazerem parte do ramo pentecostal, apresentam formas distintas de lidar com temas semelhantes no interior da categoria, a exemplo das formas de divulgação do evangelho, na maneira de lidar com questões referentes aos costumes, conversão, presença no espaço público, entre outros.

Diante da análise realizada, consideramos que ambas as denominações investigadas passam por processos de adaptação e adequação, assim como, paradoxalmente, passam por processos de resistência às contingências e influências dos aspectos característicos da modernidade. Dessa forma, não podemos concluir pela existência de nenhum tipo puro de adequação ou resistência. Do ponto de vista do discurso oficial, a AD resiste à transformação dos bons costumes, nesse sentido, a igreja “preserva os bons costumes sociais”, como evidencia a fala do presidente.

Pela bibliografia analisada, principalmente sobre a AD em Imperatriz, percebemos que nesta, as marcas de transformações, ou de afirmação frente aos valores da modernidade são mais explícitas. Essa denominação religiosa apresenta-se muito mais maleável e aberta a modificações, isso, em comparação com a postura mais reservada assumida na CCB.

Do ponto de vista de sua adequação ao mundo moderno, na AD é bem mais perceptível a influência de novas formas de viver e de ver o mundo, tanto na postura assumida pelos fiéis quanto na postura assumida por seus dirigentes. A análise do estudo de Costa (2011) permite afirmar que essa denominação passa por modificações em vários aspectos, por exemplo, quanto aos usos e costumes e sua presença em meios de divulgação do evangelho, como internet, rádio, televisão, dentre outros. Essa forma de lidar com as novas formas de ser da modernidade que adentram o interior da denominação, o autor chamou de “neopentecostalização do *ethos* assembleiano”. Assim, defende que a igreja passa de uma postura conservadora para uma postura flexível quanto a aspectos e práticas características da modernidade.

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA**
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

A igreja Assembleia de Deus reelabora sua forma de lidar com vários temas, modificando algumas de suas estruturas tradicionais, inclusive suas normas de conduta e comportamentos, passa a agregar em seus discursos aspectos outrora abomináveis, a exemplo da Teologia da Prosperidade com forte ênfase na prosperidade financeira, as campanhas proselitistas, realização de eventos gospel, cruzadas evangélicas, que objetivam atrair grande número de pessoas; inserção nos meios de comunicação de massa, como rádio, televisão e internet; aproximação com o poder político local; assumindo, assim, um ethos de “afirmação de mundo”.

Em relação à CCB percebe-se que há maior resistência quanto às modificações das estruturas tradicionais e influências impostas pela situação de pluralismo e de concorrência, se comparada com a AD. Na bibliografia consultada e nos discursos, usos, costumes e práticas religioso-litúrgicas dos agentes locais, percebemos uma luta constante contra práticas consideradas subversivas às normas e valores defendidos pela denominação enquanto instituição religiosa. No entanto, além dessa resistência, observa-se que ao mesmo tempo em que defende a permanência no tradicional, numa postura conservadora, há também manifestações de flexibilização, por mais que sejam de formas mais sutis, menos agressivas e ousadas que na AD. Outra observação que se faz necessária é que as modificações no interior da CCB parecem ocorrer com mais lentidão, com menos rupturas com as formas tradicionais, principalmente no que diz respeito à celebração litúrgica.

Os aspectos apresentados anteriormente sobre a CCB, como a necessidade de criação da orquestra para acompanhamento musical, a necessidade de criação de uma equipe administrativa para gerenciar os bens materiais e valores da instituição, a divisão das tarefas por funções, e a aparente espontaneidade que rege a celebração do culto, pode sugerir uma dinâmica digamos, natural, nessas denominações religiosas. Ainda assim, temos nessa denominação uma rígida distinção sobre as funções desempenhadas por cada membro, especificamente entre aquelas que só podem ser realizadas por homens, como presidir o culto e pregar a palavra.

Em contrapartida, alguns desses mesmos aspectos nos remetem à ideia de modificações e adequações nos produtos religiosos oferecidos, como o melhoramento da música realizada pela orquestra, devido à necessidade de manter os mesmos atraentes, em concorrência com outras instituições religiosas; como também, a forma de organização administrativa e a divisão das tarefas por funções estritamente definidas nos remete à ideia de burocratização das instituições religiosas de Berger (1985), posteriormente discutida por Guerra (2003).

**Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA**
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

Concluimos que há uma postura “mais sectária” e conservadora da Congregação Cristã no Brasil, em relação à sua atitude de prezar pela preservação dos hábitos e costumes mais tradicionais, resistindo às inovações oferecidas pela modernidade, especialmente na forma de lidar com usos e costumes e formas de atrair novos fiéis. Isso, porém, não elimina a possibilidade de que nessa denominação haja indícios de modificações. Por outro lado, analisamos que há uma postura “mais flexível” e adequada da Assembleia de Deus frente às circunstâncias da secularização e aos valores da modernidade. Essa igreja apresenta maior abertura a novas formas de lidar com diversas questões. Como exemplo, percebemos sua maior presença nos espaços públicos de divulgação, relativização quanto a questões de usos e costumes, dentre outros.

Portanto, concluimos que há a predominância de atitudes de afirmação frente aos valores da modernidade na Assembleia de Deus, de adequação dos bens religiosos ao público visado pela empresa religiosa. Enquanto na Congregação Cristã no Brasil, há a predominância de atitudes de resistência frente a novas formas de conduta, comportamentos e discursos seculares, postura de conservação dos aspectos tradicionais.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

COSTA, Moab César Carvalho. **Mudança de *ethos* do pentecostalismo clássico para o neopentecostalismo**. Estudo de caso: a Assembléia de Deus em Imperatriz-MA. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO, Goiânia, 2011.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da constituição ao impeachment. Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1993.

GUERRA, Lemuel Dourado. **Mercado Religioso no Brasil**: Competição, demanda e dinâmica da esfera religiosa. João Pessoa: Idéia, 2003.

PINTO, Antônio de Jesus; ALVES, Marconi Célia. **Fenômeno Religioso em Imperatriz nos últimos cinco anos**. Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Imperatriz, MA, 2003.

SOUSA, Bertone de Oliveira. A expansão da Assembléia de Deus em Imperatriz-MA: história e constituição identitária. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, 2., 2009, Goiânia/GO. **Anais eletrônicos...** Goiânia: UFG/UCG, 2009. Disponível em:

Uma interpretação dos reflexos da secularização no campo pentecostal:
Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus em Imperatriz – MA
Vanda Maria Leite Pantoja; Leandro Araújo da Silva

<https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/IISPHist09_Bertonedeousa.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2012.

_____. **Uma perspectiva histórica sobre construções de identidades religiosas: a** Assembléia de Deus em Imperatriz-MA. Imperatriz: Ética, 2011.

WEBER, Max. **A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Sites consultados:

<<http://www.ccbhinos.com.br/ccb>>. Acesso em: nov. 2011.

<<http://www.cristanobrasil.com>>. Acesso em: 06 fev. 2012.

<<http://www.ibge.cidra.gov.br>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Recebido para publicação em 31/07/2015

Aceito para publicação em 11/09/2015